



Tarrafal: Memórias do Campo da Morte Lenta

Um filme de **Diana Andringa**

APOIO



FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

Tarrafal: Memórias do Campo da Morte Lenta

Chamavam-lhe “o Campo da Morte Lenta”. Os críticos, naturalmente. Que as autoridades, essas, chamaram-lhe primeiro, entre 1936 e 1954, quando os presos eram portugueses, “Colónia Penal de Cabo Verde” e, depois, quando reabriu em 1961 para nele serem internados os militantes anticolonialistas de Angola, Cabo Verde e Guiné, “Campo de Trabalho de Chão Bom”.

Trinta e dois portugueses, dois angolanos, dois guineenses perderam ali a vida. Outros morreram já depois de libertados, mas ainda em consequência do que ali tinham passado. Famílias houve que, sem nada saberem o destino dos presos, os deram como mortos e chegaram a celebrar cerimónias fúnebres.

“Ali é só deixar de pensar. Porque, se não, morre aqui de pensamentos. É só deixar, pronto. Os que têm vida ficam com vida. Nós aqui estamos já quase mortos.” A frase é do angolano Joel Pessoa, preso em 1969 e libertado, com todos os outros presos do campo, em 1 de Maio de 1974.

No 35º aniversário desse dia, a convite do presidente da República de Cabo Verde, Pedro Verona Pires, os sobreviventes reencontraram-se para um Simpósio Internacional sobre o Campo de Concentração do Tarrafal.

“Tarrafal: memórias do Campo da Morte Lenta” resultou desse reencontro. Durante os dias em que os antigos presos voltaram ao Tarrafal, gravámos entrevista após entrevista, registando as suas recordações.



A filmagem do documentário decorreu durante o Simpósio Internacional sobre o Campo de Concentração do Tarrafal.



Reencontro de antigos presos, proibidos de se ver e falar durante a sua permanência no Tarrafal.

Tarrafal: Memórias do Campo da Morte Lenta

Trinta e dois presos, desde o português Edmundo Pedro, um dos que o estreou, em 1936, aos angolanos e caboverdianos que foram os últimos a deixá-lo, no 1º de Maio de 1974, passando pelos guineenses que, ali chegados em Setembro de 1962, saíram em 1964 uns, em 1969 os restantes. Um guarda, Joaquim Lopes, caboverdiano e convertido ao PAIGC. Uma das raras pessoas que testemunhou a vida no Tarrafal desde a sua abertura ao seu encerramento, Eulália Fernandes de Andrade, mais conhecida por D. Beba.

O documentário faz-se das memórias dos antigos presos, filmados nesse espaço confinado em que viveram durante anos, *“fechados como se fôssemos cabras, com um fosso à volta, arame farpado e um muro, com os nosso irmãos, armados, a guardar-nos.”* (Evaristo Miúdo).

Ouvimo-los sentados, quase todos, ao lado da “holandinha” – uma cela de castigo, pouco mais alta que um homem em pé, pouco mais comprida que um homem deitado, pouco mais larga que um homem sentado, com uma pequena janela gradeada.



Edmundo Pedro, um dos presos que estreou o Campo do Tarrafal, visita a exposição ali organizada, no âmbito do Simpósio, pela Fundação Mário Soares.



D. Beba, aqui com Justino Pinto de Andrade, foi sempre um exemplo de solidariedade.



Junto à "holandinha", o antigo guarda Joaquim Lopes explica como era o dia a dia dos presos ali encerrados.



A única vista de um preso castigado na "holandinha".

Tarrafal: Memórias do Campo da Morte Lenta

Ali nos falaram das torturas quando da prisão, das ameaças de morte, dos que não resistiram às condições do campo.

Próxima, atenta, solidária, a objectiva de João Ribeiro dá-nos toda a força destes testemunhos, as caras expressivas contra fundo de cela, as mãos e o corpo que mimam uma cena de tortura, as calças rasgadas pelo chicote e puídas pelo chão prisional, a bengala que resulta de um longo período pendurado por uma corda atando os pulsos elevados acima da cabeça, a planta do campo desenhada num osso de vaca cuidadosamente preservado. A emoção com que homenagearam, no cemitério, os companheiros que ali ficaram. A alegria de se verem lembrados em duas exposições nas celas que tinham ocupado.

A alegria: palavra estranha num filme sobre o Tarrafal. Mas essa é a grande lição destes homens: porque, como diz um deles, o caboverdiano Jaime Scofield, *“o mais importante não é que eles nos tenham querido matar lentamente. O mais importante é que nós resistimos.”*



Guardadas ao longo dos anos, as calças testemunham as chicotadas e os maus tratos prisionais.



A bengala é o resultado de ter sido pendurado por uma corda pelos pulsos atados acima da cabeça.



Planta do campo gravada num osso de vaca cuidadosamente preservado.



Homenagem aos companheiros mortos no Tarrafal: o sangue derramado não foi em vão.

Tarrafal: Memórias do Campo da Morte Lenta

Esta é a história de homens a quem quiseram destruir toda a esperança e que souberam resistir até à vitória: *Porque no Tarrafal nós inventámos a vida, sempre!*

TESTEMUNHOS

- por ordem de entrada no filme -

Edmundo Pedro (Portugal)
Eulália de Andrade, D. Beba (Cabo Verde)
Joaquim Lopes, guarda (Cabo Verde)
Cândido Joaquim da Costa (Guiné)
Caramó Sanhá (Guiné)
Francisco Mendes Vieira (Guiné)
Manuel Neves Trindade (Guiné)
Carlos Sambu (Guiné)
Augusto Pereira da Graça (Guiné)
Macário Freire Monteiro (Guiné)
Nobre Pereira Dias (Angola)
Amadeu Amorim (Angola)
Fernando Correia (Guiné)
Mário Soares (Guiné)
Jorge da Silva (Guiné)
Agnelo Lourenço Fernandes (Guiné)
Lote Sachicuenda (Angola)
Augusto Kiala Bengue (Angola)
Evaristo “Miúdo” (Angola)
Silva e Sousa (Angola)
Joel Pessoa (Angola)
Lote Soares Sanguia (Angola)
Jaime Cohen (Angola)
Alberto Correia Neto (Angola)
Vicente Pinto de Andrade (Angola)
Justino Pinto de Andrade (Angola)
Carlos Tavares (Cabo Verde)
Luis Fonseca (Cabo Verde)
Jaime Scofield (Cabo Verde)
Luís Mendonça (Cabo Verde)
Arlindo Borges (Cabo Verde)
António Pedro Rosa (Cabo Verde)
Pedro Martins (Cabo Verde)



Carlos Sambu (Guiné) olha a sua fotografia, na exposição organizada, no âmbito do Simpósio Internacional sobre o Campo do Tarrafal, pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde.



Dois povos, o mesmo combate: Jorge da Silva (Guiné) lê uma carta censurada de um preso português.



Augusto Kiala Bengue, um dos homens do 4 de Fevereiro, novamente preso em 1969 e enviado para o Tarrafal.



Longas horas de pé sobre um banco, espancado se tentasse apoiar-se na parede, foram uma das torturas sofridas por Arlindo Borges, de Cabo Verde.

